

4. A Batalha

EDGAR RODRIGUES

Tratado de "A Revolta da Madeira",
recolha e organização de ^{Documentos}

João Soares

Coloca de "Perspectivas e Realidades"
Abril 1979

A «Batalha» jornal de tendência anarco-sindicalista publicou-se no Funchal desde 8 de Maio de 1926 até meados de 1935.

Exprimia as posições do movimento operário local. O seu cabeçalho era idêntico ao do seu homónimo lisboeta, diário, também órgão da organização sindical, com uma orientação igualmente anarco-sindicalista.

A «Batalha», do Funchal, publicou-se sem censura prévia enquanto durou o movimento revolucionário de 4 de Abril, e pode dizer-se que o apoiou francamente.

O jornal dirigido de facto, durante todo este período, por Mário Castelhana, que tinha igualmente dirigido o seu congénere lisboeta, foi fiel no fundo à ideia por este expressa nas suas memórias de que «... é preferível (muitos pensarão o contrário) uma situação onde, pelo menos, possamos falar, reunir, organizar e desenvolver a nossa propaganda, mesmo enfrentando violências certas, do que suportar em silêncio uma tirania de natureza ditatorial»¹.

¹ Mário Castelhana — «Quatro anos de deportação» (pág. 189).



Artigo de 1.ª página do n.º 39 reproduzido por Mário Castelhano no seu livro.

PARA A LUTA

«É nos momentos psicológicos como o que a Madeira está vivendo que se vêem as qualidades de um povo, o seu estado de espírito, o seu valor intrínseco, a sua coragem e decisão.

É nestes momentos que se analisa o grau da sua mentalidade, na concepção elevada ou restrita da vida, nos seus interessantes e vários aspectos, que a tornam livre, próspera e saudável, ou oprimida, triste, raquítica!

É nestes momentos que a alma de um povo se abre à análise de todo o mundo e se conquista uma posição inconfundível na grande luta travada entre a tirania e a liberdade.

E o povo da Madeira, que tão bem soube corresponder ao início do movimento, tem demonstrado, no decorrer do mesmo a sua grande fé numa vitória certa.

É necessário que esta fé se radique cada vez mais profundamente no seu espírito e o disponha a demover todos os obstáculos que se anteponham ao resultado que todos anseiam — a queda da ditadura; que tanto e tanto mal tem feito à Madeira e a todo o País.

A classe trabalhadora, sempre a mais sacrificada com os regimes de força e da reacção, sabe bem qual o papel que lhe está designado neste conflito.

Lutar, se necessário for, até vencer! E há-de vencer custe o que custar!

Há-de vencer-se, porque tem de vencer-se!

Não é de agora, não é de há meses, a tirania exercida na Madeira pelos ditadores. Ela vem de longe, como reflexo das medidas draconeanas dos super-homens que pretendiam jugular um povo que sente, em toda a parte onde se encontra, um frémito constante de liberdade e de justiça!

Mesmo que não houvesse razões de ordem local a impor um movimento desta natureza, bastaria que trabalhadores como nós, no continente, houvessem sofrido as maiores perseguições, as mais nefandas violências corporais, para que o nosso sentimento de solidariedade se manifestasse exuberante no estatelamento da ditadura.

O assalto aos organismos operários, a destruição dos respectivos móveis, o cerceamento da mais insignificante regalia, a ex-



ploração ignóbil, por intermédio dos mais pesados impostos e que reduziu tudo à expressão aguda da miséria que se observa em todo o País, as dezenas de milhares de desempregados que definham nos tugúrios miseráveis em que vegetam; desempregados que na Madeira se contam às centenas, tudo quanto denota vilipêndio, maldade, opressão, seria o suficiente a colocar-nos ao lado dos que sofrem as consequências das suas nobres atitudes.

Estão entre nós dezenas de deportados — civis e militares — que há anos vêm sofrendo, quer em África, quer nas Ilhas, física e moralmente, a tortura de uma situação que não pode perdurar para honra do povo português.

Entre esses deportados alguns há que têm dado todo o seu esforço em prol da classe trabalhadora.

Como poderíamos nós, em presença de tanta e tanta perseguição, ficar silenciosos?

Os trabalhadores da Madeira, só têm um caminho a seguir nesta excepcional emergência; unirem-se a todas as vítimas da ditadura e lutarem a seu lado, ao lado da guarnição militar que rompeu fogo contra a mesma e lutar, lutar, lutar, até vencer!

Nem que para isso tenhamos de abrir o peito às balas dos tiranos!

À luta, pois!»

Artigo do dirigente anarco-sindicalista Manuel Henriques Rijo publicado no n.º 39 de 13 de Abril.

OS TRABALHADORES DA MADEIRA SABEM CUMPRIR COM O SEU DEVER

Os trabalhadores da Madeira, têm atravessado uma situação económica difícil, a miséria já lhes invade os lares, a crise do trabalho é assustadora.

A ditadura, com as suas violências, destruiu-lhes a organização sindical, suspendeu-lhes a imprensa onde podiam fazer ouvir os seus justos protestos. Com todas estas violências julgaram os ditadores que tinham conseguido aniquilar de vez o espírito de rebeldia dos que trabalham.

Miseráveis e ditadores, imbecis governantes, que não souberam ver que a opressão gera a revolta!

Quem diria que os trabalhadores sem organização sindical e sem imprensa que os defendesse, seriam capazes de vir à rua

protestar com altivez contra a atitude dos governantes e dos gananciosos moageiros que pretendiam aproveitar o momento para arrancar-lhes aos seus lares famintos os últimos centavos.

Os trabalhadores da Madeira, colocados na situação de se deixarem morrer de fome ou revoltarem-se, não vacilaram e foram para a rua reclamar, com toda a serenidade e confiança, na razão que lhes assistia na sua forte união.

No dia 4 de Fevereiro puderam os ditadores verificar que o povo da Madeira não estava disposto a permitir que escarnecessem mais da sua miséria.

Foi tão grande a manifestação de protesto contra o «decreto de fome» que os ditadores não tiveram coragem de o manter, mas só depois de terem baqueado alguns trabalhadores, resolveram então suspender o aludido decreto. Essa suspensão não era com intuito de beneficiar o povo mas somente para o ludibriar, conforme se constatou poucos dias depois do movimento ter terminado.

A ditadura tinha recebido um golpe que a abalou profundamente mas para satisfazer a vontade dos moageiros era preciso por em vigor o famigerado decreto, nem que para isso fosse preciso prender e deportar todos que a tal se opusessem. Estava pois, na Madeira, estabelecido o regime da idade medieval — os trabalhadores escravizados.

A guarnição Militar da Madeira não querendo que em seu nome se cometessem maiores barbaridades que as que já haviam sido cometidas, resolveu revoltar-se. Os trabalhadores desde a primeira hora deram a sua adesão moral a esse movimento. E quantos não estão já ao serviço da revolução por terem sido mobilizados.

Mas há ainda muitos trabalhadores da Madeira que se dispõem para a luta logo que a sua acção seja necessária.

Os trabalhadores da Madeira sentem como os seus irmãos do continente todas as violências cometidas pela ditadura contra os que defendem a liberdade e portanto no momento em que os ditadores ousem atacar-nos eles saberão pegar em armas para defender a sua terra e contribuir para a queda do regime de tirania.

Firmeza e verdadeira união entre todos os trabalhadores é o que é necessário.



Artigo não assinado atribuído a Mário Castelhana por Jacinto Baptista no seu livro «Surgindo vem ao longe a nova aurora...»

O ESPECTRO... DAS DEPORTAÇÕES

Quem tenha acompanhado, dia a dia, os actos dos homens que há cinco anos vêm reduzindo o povo português à situação mais aviltante que conhecemos, chegou, decerto como nós, a essa conclusão: ou tudo se submetia ao critério comesinho dos ditadores ou a prisão seguida de deportação, seria a sorte que esperava os que protestavam contra tanta exploração e iniquidade.

E assim foi de facto durante muito tempo.

Em África, chegaram a estar milhares de deportados que, no Continente, pelas suas atitudes desassombradas, haviam conquistado o ódio dos ditadores.

Alguns morreram por lá, outros vieram morrer aos Açores e de alguns sabemos nós que estão arruinados para sempre! Nem as lágrimas das companheiras queridas, nem as súplicas dos filhos adorados, sensibilizaram os homens que, pela força, pretendiam converter o povo português a um submisso e criminoso silêncio.

Ainda agora, depois de tantos sofrimentos, depois de em África, durante anos, terem sofrido as inclemências dum clima depauperante, e duma situação económica difficilissima ainda agora, se dispunham a enviar para Cabo Verde e Guiné dezenas de vítimas!

Profundamente desumano!

Profundamente miserável!

Ao povo da Madeira também lhe haviam reservado igual destino. Perto de quatrocentos deportados eram os que seguiriam brevemente para as mesmas paragens africanas.

Isto, sem respeito, nem sequer a mínima consideração, pelos interesses da Madeira, espesinhados por um grupo de incompetentes, que se julgavam senhores, nesta terra onde a miséria lavra intensamente, onde a fome se instalou já em muitos lares!

Estas deportações seriam feitas sem um pálido protesto dos que hoje choram já a sua situação, mas jamais pensaram no sofrimento que o seu indiferentismo, conivência ou responsabilidade directa, originaram a tantos e tantos entes que foram suas vítimas.

Hoje, horroriza-os a visão duma situação idêntica!

Hoje, têm medo de assumir a responsabilidade dos seus actos!

E é em presença deste confronto que nós admiramos sobre-

maneira a altivez, a firmeza de carácter, o espírito de combatividade, dos deportados da ditadura de há cinco anos!

Era observar-lhes a esperança, a certeza de uma vitória nítida, através de milhares de sacrifícios, mas sempre com uma grandeza d'alma admirável.

Hoje os tiranos vêem as deportações como um espectro!...

E os deportados da Ditadura continuam na luta em defesa da Liberdade!

Isto é nobreza!

Aquilo, e... miséria moral.

E fica tudo dito.

18 de Abril

Pequena nota inserta no n.º 40.

O BLOQUEIO DA MADEIRA

O bloqueio?! — que nos importa a nós que ele se realize imposto pelos piratas da ditadura de Lisboa!

A Madeira, que conheceu os horrores dum verdadeiro bloqueio, no tempo da Grande Guerra, não pode deixar de soltar uma formidável gargalhada de escárnio à palhaçada carnavalesca de Carmona, Salazar e C.ª.

Não julguem que estamos escrevendo a rir, porque a nossa indignação é sumamente seria.

Render a Madeira à fome?! — Miseráveis! Bandoleiros! Truões!!!

A Madeira está mais que suficientemente abastecida e armada para resistir durante os 21 dias, que nos faltam a fim de que internacionalmente nos sejam reconhecidas altas regalias legais.

Pois a única consequência que nos pode advir do bloqueio é maior Liberdade e mais alta dignidade!

Artigo de Teófilo Rodrigues no n.º 40.

MARCANDO POSIÇÕES

AVANTE, SEM TEMER!!!...

O movimento de 4 não teve carácter político...

Andam por aí, alguns magnates da Ditadura, dizendo que



ele obedeceu, unicamente, ao pensamento óbvio dos democráticos!...

É falso, irrefutavelmente falso, tudo quanto a esse respeito venham dizer.

Quem fez o movimento, quem marcou posições, foi a população desta Ilha, preparando o campo de acção onde os nossos soldados deviam manobrar.

Estes que são do Povo; que têm por lema defender a sociedade, vendo que era ignomínia e insidia consentir na deportação dos Madeirenses, porque haviam defendido os seus justos interesses, depois de constantes solicitações, quiseram pôr cobro a esse vil processo de vingança e de opressão.

Então, sem hesitarem, prenderam o verdugo dos madeirenses esse Delegado — que quando da sua chegada à Madeira hipocritamente nos prometeu trabalho!

Fomos no bote!... Mas a nossa imbecilidade, aproveitada para nos ludibriarem acabou, e, preparando o terreno, lutando com as forças armadas, proporcionamos-lhes agora uma vitória retumbante...

Justamente dois meses antes do dia 4 — a 4 de Fevereiro também — o povo madeirense reunia para nos dias seguintes, pedir e conseguir, a anulação do Decreto da Fome!

Todavia, depois de algumas mortes é que a infame Ditadura se resolveu a suspender esse Decreto, que a sociedade, neste homicida.

A Ditadura foi sempre assim!

Esperavam primeiro que alguns innocentes morressem para então darem uma incompleta satisfação ao Povo que os sustentava!

Não queremos sujeitar-nos ao jugo mesquinho e horripilante da Ditadura.

Os nossos nervos, agora, revoltam-se contra a Ditadura, com mais fúria ainda do que o vento, quando brame aterradoramente!...

Não... Não queremos um governo que não satisfaça as nossas justas reclamações!

Não! Mil vezes não!!

O Povo madeirense, o Povo, por completo, de Portugal, não quer mais a ditadura.

Não só porque nos tenha imposto pesadas contribuições, mas porque tira de uns para dar a outros; porque rouba a várias famílias os entes mais queridos, enviando-os para longe, onde não têm as comodidades do seu lar, as atenções da sua familia que pedaços de fome e de amargura se vê obrigada a passar!...

